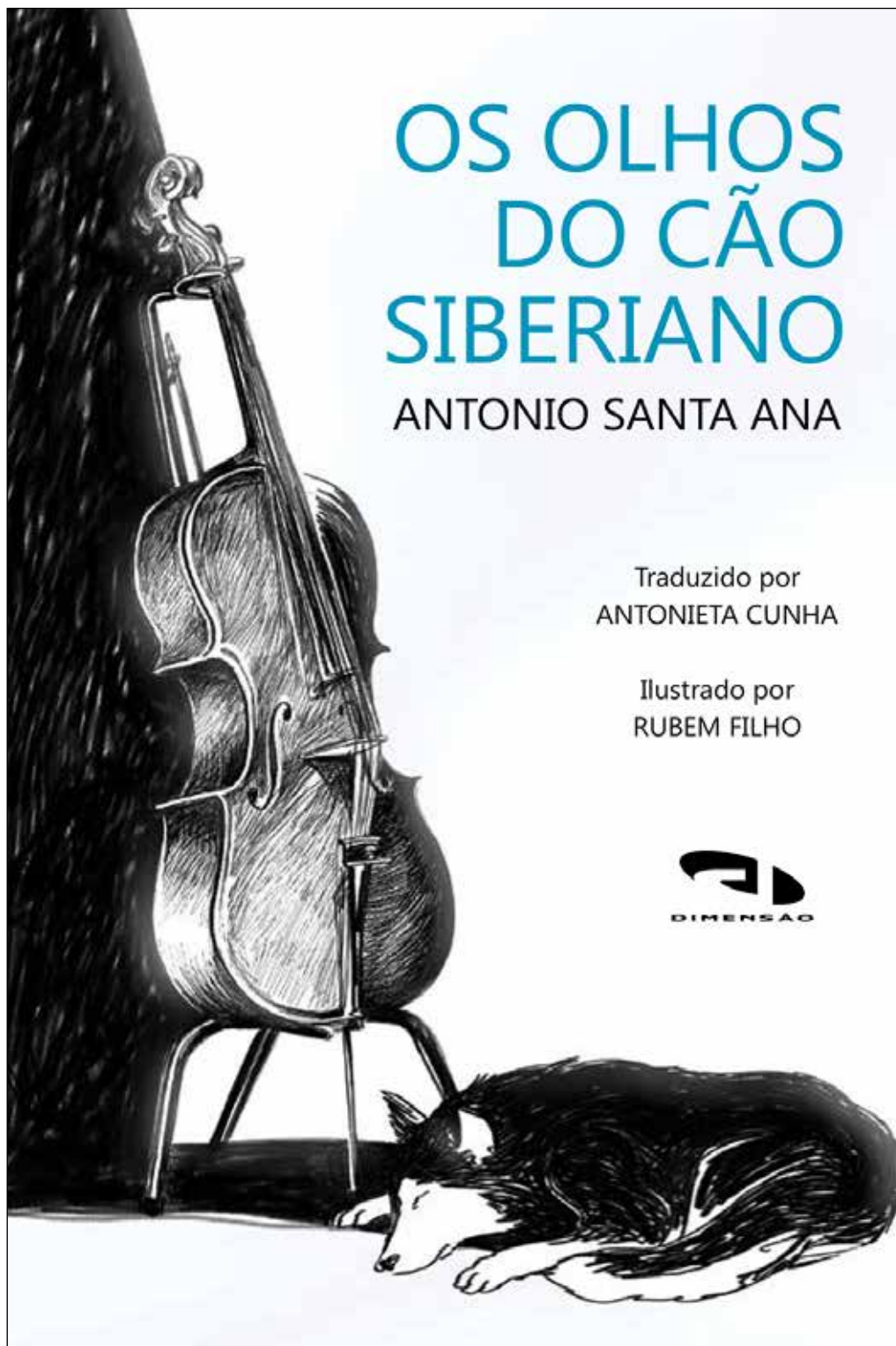


MANUAL DO PROFESSOR



Os olhos do cão siberiano

Antonio Santa Ana

Tradução: Antonieta Cunha

Ilustrações: Rubem Filho

Tema: Conflitos da adolescência

Gênero literário: novela

Categoria: 2
(8º e 9º anos)

Material digital/audiovisual
organizado por Antonieta Cunha

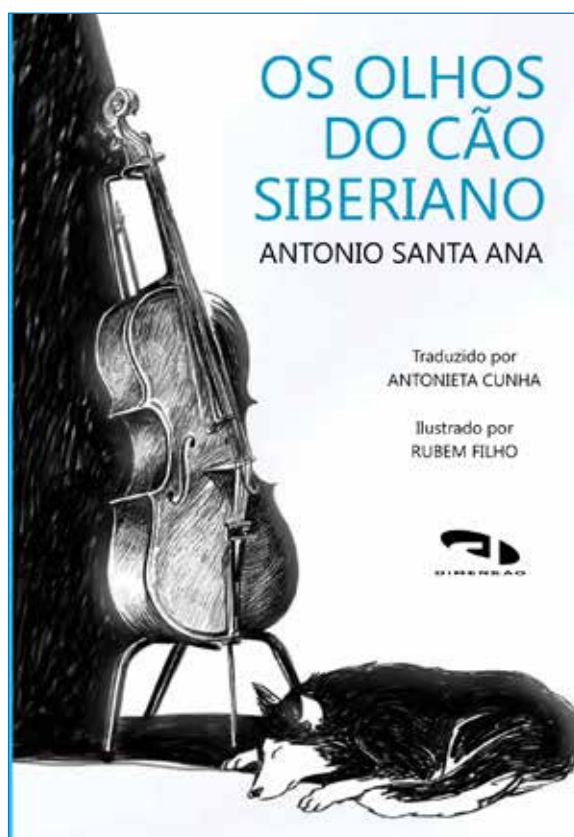
EDITORA DIMENSÃO

Rua Castelo de Sintra, 130 – Castelo
31370-750 Belo Horizonte – MG

1ª edição
2018

Caras Professoras e Professores

Este Manual Digital trata de uma novela, ***Os olhos do cão siberiano***, voltada para o público juvenil, especialmente para estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental – inscrita, portanto, na Categoria 2 do Edital do PNLD 2020 para obras literárias.



Seu autor, Antonio Santa Ana, é argentino, e tem a vida profissional dedicada há décadas ao mundo do livro, seja como um dos organizadores da conhecida Feira de Livros de Buenos Aires, seja como editor, seja como autor, reconhecido especialmente por suas obras para o público juvenil. Tem uma impressionante empatia com adolescentes e jovens, e uma enorme sagacidade para arquitetar narrativas que os fazem se divertir, se emocionar e também refletir. Para esse mesmo público, sua excelente obra *Nunca serei um super-herói* está também traduzida no Brasil, pela mesma editora Dimensão.

Há algum tempo, tem criado também composições musicais e se apresentado, cantando e tocando violão, em musicais para o público infantojuvenil argentino. Vale a pena conhecer mais de sua vida, sua visão de mundo, sua casa abarrotada de livros (e violões!!!!).

Os olhos do cão siberiano foi premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ – como a melhor tradução para o leitor juvenil, e sobre ele escreveu o representante do PROALE/RJ:

“Muito poucos são autores latino-americanos traduzidos e publicados no Brasil. Assim, a edição dessa obra do escritor argentino Antonio Santa Ana revela-se um presente muito especial para os leitores brasileiros. *Os olhos do cão siberiano* trata de um tema delicado: o preconceito e a segregação sofridos pelos portadores de AIDS e o modo como isso repercute em suas vidas e na daqueles que os amam.” (Prêmio FNLIJ 2013 – Produção 2012 – justificativa dos votantes)

Mas consideramos que a questão da recusa da AIDS é, na família retratada, apenas a forma mais odiosa do preconceito e do despotismo do pai, seguido timidamente pela mãe, como mostra o trecho estampado na quarta página do livro. O narrador, o segundo filho do casal, apresenta cenas nas quais o pai o obriga a se distanciar do irmão doente, da mesma forma que lhe impõe o jogo de xadrez, os esportes mais “nobres” (onde – é claro! – não está o futebol), a música erudita.

A obra traz a história desse adolescente pressionado todo o tempo pelo pai, mas que consegue livrar-se dessa ditadura exatamente pelo contato (às escondidas) com o irmão, Ezequiel, até a morte deste, vítima da AIDS. É claro que, no ambiente em que vive, existem pressões bem parecidas, mas o despotismo e a rigidez no seio da família contam muito mais, não apenas pela intensidade quanto pela frequência. O caminho para a compreensão, a generosidade, mas também para os questionamentos e o amor à vida vão sendo assimilados nas conversas com o irmão, que também lhe recuperou o amor à música. Essa dívida é belamente exposta pelo narrador na última página da história.

Estamos, portanto, no campo da narrativa, mais especificamente, da novela, com ingredientes muito ao gosto da juventude: em todo o mundo, de formas variadas, mais ou menos sutis, ela vive sob pressões familiares e sociais. Mas essa temática às vezes dolorosa vem envolvida por muitos momentos de humor e ternura, vividos sobretudo com Ezequiel e a avó dos dois. Essa mistura, aliás, é muito própria do autor, capaz de denunciar, sem perder o otimismo e o humor, e sem deixar de valorizar a família e as relações sociais e afetivas.



Antes de avançarmos no trabalho específico em torno desta novela, julgamos oportuno expor alguns pontos que vão orientar nossa conversa neste Manual.

Inicialmente, é fundamental afirmar que vemos nossas observações e sugestões como uma forma de discutir e talvez ampliar as formas de vocês lerem com seus alunos esta novela. Nesta proposta, imaginamos poder surgir um enfoque novo, uma estratégia esquecida, algum destaque lembrado por nós e que pode ajudar a tornar a leitura mais significativa para sua turma. Por outro lado, sabemos que, por mais interessantes e variadas que sejam tais propostas, só vocês têm condição de escolher dentre elas as que mais estão adequadas a seus alunos – seja pelo nível de leitura que tenham, seja pelos temas que mais lhes interessam, ou que, na opinião de vocês, precisam ser tratados em sala de aula. Dois lembretes, no entanto, nos parecem essenciais, nesse momento de escolhas:

- a) Nossos alunos nunca serão conhecidos plenamente por nós (aliás, esta obra fala bem disso: nunca somos plenamente conhecidos). E eles nos surpreendem frequentemente, mesmo em relação a seus próprios gostos, pelo que vale a pena mudar estratégias e apresentar-lhes o novo ou aparentemente fora das expectativas deles.

b) Somente vale a pena a atividade que verdadeiramente contribua para aproximar a turma de outras leituras, e da leitura, não só da literatura, mas das artes em geral.

Outro ponto a salientar é que devemos propiciar, antes de mais nada, o encontro do fruidor com a obra de arte (em qualquer de suas expressões), pois é ele que caracteriza a “leitura”. E quanto mais frequente for esse contato, maior será a chance de o “leitor” se tornar um aficionado, um apaixonado por tal arte. Esta é uma convicção de praticamente todos os artistas e teóricos de arte: nada que se diga de uma obra de arte (por exemplo, uma composição musical de Mozart ou Bach, para falar da obra em pauta), nenhuma teoria em torno da música pode substituir a emoção, o espanto, o deleite de ouvir uma fantasia do primeiro, ou uma suíte do segundo. E, se forem constantes essas audições, às vezes nem um pai déspota conseguirá impedir a força mágica da arte: em geral, ouvir tais compositores cria um ouvinte deles e da música para a vida toda.



Como uma das mais importantes formas de arte, a literatura não prescinde deste contato: é fundamental que as pessoas leiam as obras. Elas, por si, podem formar leitores inveterados. Muita gente jamais teve oportunidade de estudar muito, mas procurou ler e cultivar o gosto da leitura. O estudo da obra lida (ou sendo lida), pode perfeitamente apresentar novas formas de percebê-la, enriquecer a forma inicial de percepção da obra, torná-la ainda mais interessante. E isso é o que sempre se pretende com essa “segunda leitura”, orientada por profissionais experientes como vocês.

Nossas propostas irão nesse sentido: apresentar possíveis ângulos da obra, que façam o leitor gostar mais dela – nunca, menos. Se o estudo diminui o tamanho da obra, se causa enfado nos seus alunos, ele certamente valeu pouco.

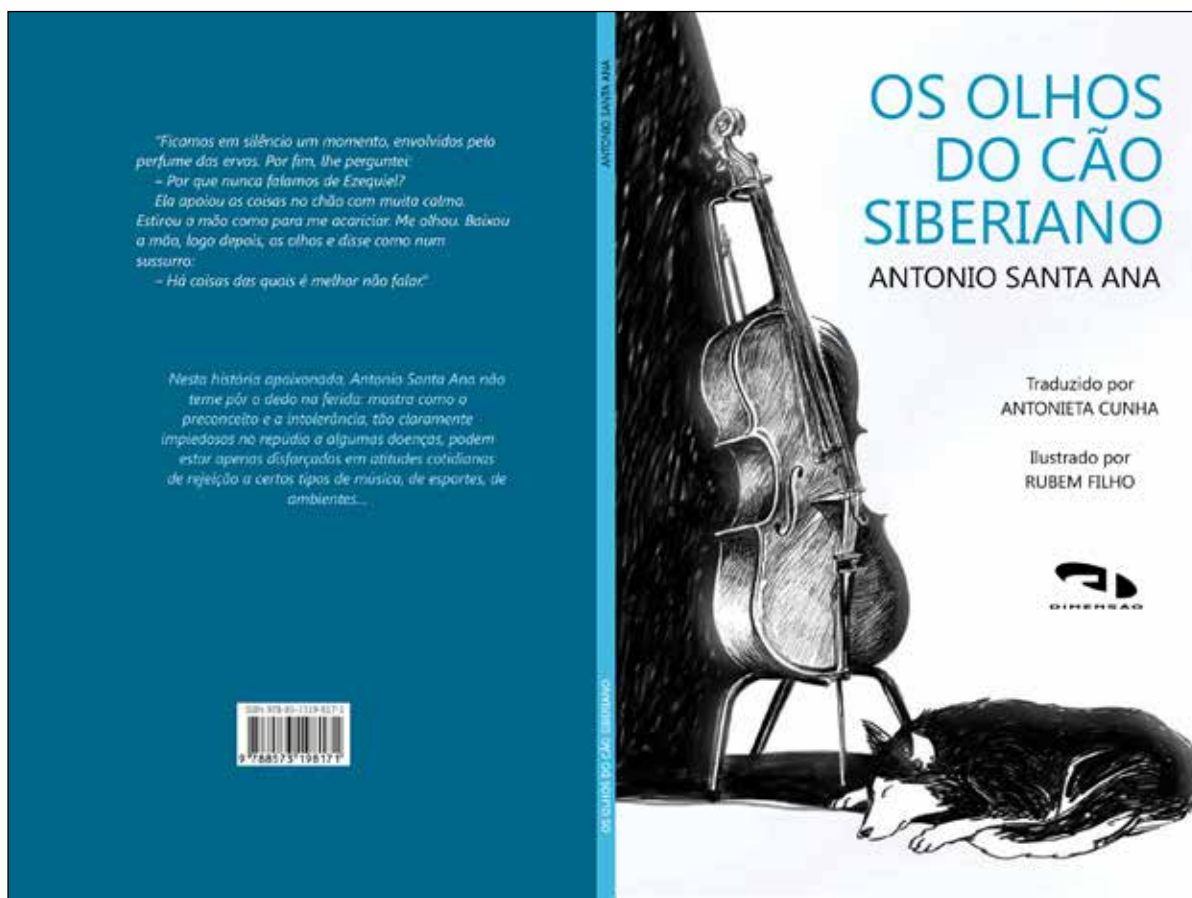
É certo que há alunos que não vão gostar de ler uma obra, ou nenhuma obra. Esses precisarão de maiores cuidados, de maiores incentivos, de outros tipos de textos e de temas. Mas, se são a minoria, ou se mostram interesse pelas narrativas, embora prefiram ouvi-las, procurem alternativas para trabalhar com esses grupos, alguma forma de lhes abrir a porta para a leitura. (Eventualmente, aceitem sem culpa que alguns alunos só muito mais tarde – em alguns casos, nunca – se sentirão atraídos pela leitura. Isso, afinal, acontece com todas as artes – e nunca nos culpamos, como pais ou educadores, se o aluno ou o filho não gosta de música, ou de teatro, ou de pintura.)

Por último, gostaríamos de propor a vocês uma reflexão com seus colegas de escola: arqui-se com frequência a validade e a pertinência das formas convencionais de avaliação

(provas, fichas, questionários com perguntas “objetivas”) para a área das artes – inclusive a literatura. As artes não são matemáticas, não têm uma resposta “correta”, porque, plurissignificativas por princípio, possibilitam muitas interpretações, criam várias perguntas e várias respostas possíveis, ou até não querem respostas – apenas, a fruição, a surpresa, diferentes emoções, reflexões variadíssimas. Por isso, perguntamos: depois de muitas atividades feitas e “curtidas” pelos alunos; depois de muitos dias de envolvimento com uma obra literária, será preciso “medir” alguma coisa? O que “medir”, e com que medida, se gostos, opiniões, preferências, crenças não podem ser impostos, nem cobrados?

Na leitura da novela ***Os olhos do cão siberiano***, nossas propostas tratarão de momentos fundamentais de qualquer experiência pedagógica: a motivação, o desenvolvimento de atividades visando a um tipo de conhecimento – o processo, e a avaliação. E, como toda obra literária quer estabelecer um longo diálogo com seu leitor, permanecendo viva, mesmo depois de fechada sua última página, vamos sugerir também várias atividades inspiradas nesta novela. Por fim, apresentaremos algumas sugestões de leituras teóricas, para o caso de vocês desejarem fazer alguma leitura complementar às informações ou às reflexões deste Manual.

I - Criando motivos para ler a obra – A pré-leitura



Como qualquer ação ou atividade na nossa vida, e também na aprendizagem, nós fazemos o que temos motivos para fazer: movemo-nos tendo razões (ou necessidades) para esse movimento. Se nossos alunos não conhecem esta novela, não têm motivos para a ler. Como criar o interesse, a curiosidade em torno da obra?

1- Certamente, uma forma é explorar o próprio título da obra: no caso, talvez valha a pena mostrar a capa do livro (que só vocês devem ter em mãos, neste momento), em que aparece um cão, junto a um violoncelo, a ser analisado mais tarde.

- Quem na turma tem um cachorro? Que relação cada um tem com o animal? Qual a grande “qualidade” do cão, segundo a convicção geral?

(Resposta pessoal, quanto às relações com o animal. Mas crê-se que o cão “é o maior amigo do homem”).

- Vocês já assistiram ao filme *Marley e eu*, ou *Sempre a seu lado*? Alguém pode resumir um deles?

(É bastante provável que a maioria tenha assistido a pelo menos um desses filmes, que são vistos com frequência na televisão aberta brasileira. Se não viram nenhum deles, vocês talvez tenham visto. Os dois mostram a profunda amizade e fidelidade dos cães pelos seus donos, que também os consideram “da família”).

- Neste título, são especialmente realçados os olhos do cão. Haverá algum motivo especial? E esse instrumento musical, o violoncelo, que relação terá com o cão?

(Hipóteses voluntárias dos alunos. Possivelmente, eles imaginarão que os dois pertencem a uma mesma pessoa – hipótese, aliás, verdadeira. Mas tais dados nada adiantam da história. Por enquanto, não é o caso de adiantar nada.)

- Podem, em seguida, ler para os alunos o primeiro texto da quarta capa do livro, extraído do livro, e que adianta alguma coisa da história.

a) Quem parecem ser essas duas personagens que conversam?

(Há uma mulher, que parece cuidar das ervas, e alguém, que fala em primeira pessoa, possivelmente o narrador da história. Mas há um ausente – Ezequiel, que certamente tem relação com as duas figuras. E, por algum motivo, Ezequiel parece ser assunto proibido.)

Leiam o segundo texto da quarta capa, que já dá “dicas” sobre o que o conteúdo do livro vai abordar: questões ligadas aos preconceitos e à intolerância.

b) Quem deve ter sido vítima desses sentimentos?

(Possivelmente, os alunos dirão que deve ser Ezequiel, inferindo dos dados do trecho do livro.)

c) Por fim, leiam para eles a apresentação do livro, à página 3.

- Já há algum elemento ligando título, capa, apresentação da narrativa e texto de quarta capa?

(Os alunos podem imaginar que o adolescente é o Ezequiel, sobre quem não se podia falar; podem pensar que pode ser o interlocutor da mulher das ervas, o narrador que não conhecemos ainda. Mas o instrumento musical e o cão continuam misteriosos, e devem ser muito importantes, já que aparecem na capa. Vale observar que as perguntas sem respostas é que vão, junto com o que se sabe, criar a curiosidade pela narrativa.)



2- Como último elemento de motivação, vocês poderiam ler (depois de muito treino) o primeiro capítulo da novela (a introdução da narrativa), no qual o narrador faz revelações interessantes – todas pela metade.

- Depois dessa leitura, que dados importantes temos revelados aí? Quais nos faltam?
(Fica claro que o narrador perdeu um irmão querido, que pode ser o Ezequiel; há entre eles uma diferença de 13 anos de idade. Morrer é tão imperdoável quanto sair de casa? Por quê? Estamos em 1998, e o narrador parte no dia seguinte: para onde? Para quê? Ele quer contar a sua história, para desabafar, passar a limpo a vida, para viajar com menos dor, ou por arrependimento?)
- Vocês conhecem o instrumento musical que aparece na imagem da capa? Vocês têm costume de assistir a concertos de música erudita, ou ouvir esse tipo de música (mais chamada de “clássica”)? Alguém da turma estuda ou toca algum instrumento musical?
(Resposta pessoal. É importante terem conhecimento desses pontos, porque a música tem muita importância na história.)



II - Lendo o livro – mergulho na história

É hora de a turma ler o livro.

Estabeleçam com eles um tempo para todos lerem a obra. (Isso vai depender da turma, inclusive do número de exemplares de livros de que vocês dispõem para seu trabalho. Enquanto leem, tentem saber o que estão achando da história, em que ponto estão, se querem fazer algum comentário ou pergunta.)

Lida a obra pelos alunos, comecem com eles a “segunda leitura” – aquela que tentará focar pontos interessantes da obra. Naturalmente, eles próprios poderão fazer observações novas, que serão sempre bem-vindas.

Por isso, cabe retomar a pergunta para todos: Gostaram? Não gostaram? Querem observar alguma coisa da obra em especial?

(Essa questão deve propiciar, mesmo, todas as respostas sinceras da turma. Elas serão mais um elemento para orientar as sugestões de trabalho em torno da obra. Cabe a vocês escolher argumentos para eventuais opiniões contrárias à obra, ou recuperar alguma posição levantada por um aluno, mas sem imposições.)

Elementos da narrativa

Possivelmente, todos no 9º ano já terão lido narrativas como esta: uma **novela**. Então, apenas para lembrar, apresentem-lhes os elementos de uma narrativa. À medida que vocês forem explicando, eles próprios poderão dar exemplos e falar de cada elemento na novela que acabaram de ler. É uma primeira atividade importante, na leitura da obra: conhecer seu gênero e suas características. Se alguém quiser resumir a história, isso pode ser feito, possivelmente com a colaboração dos colegas. Vocês podem ajudar também, sobretudo chamando a atenção para algum elemento da narrativa que não foi citado.

Narrativa literária (chamada também “gênero épico”) é o gênero em que se **conta** um ou vários **acontecimentos** – um caso, ou história – envolvendo **personagens** (um ou vários, humanos, animais, ou figuras imaginárias), em determinado **lugar**, em determinado espaço de **tempo**. E, como há sempre quem conta a história, temos a figura do **narrador**, que pode ser personagem (principal ou secundária), ou apenas observador, que tenta relatar o que vê ou ouve. Pode também ser onisciente, como um deus, que vê tudo, porque está em todos os lugares, inclusive dentro da cabeça das personagens. É através do narrador, do seu olhar, que conhecemos todos os elementos da história. O ângulo adotado pelo narrador para nos apresentar sua história constitui o chamado **foco narrativo**. A forma como o narrador a conta, enreda os fatos, chama-se **enredo**, ou **trama**.

Esses elementos, com importância variável, estão em todas as narrativas: no **romance**, na **novela**, no **conto**. A distinção entre esses três tipos de narrativa é a intensidade e a quantidade de núcleos de ação, o tamanho, o número de personagens. O conto é mais sintético em todos os elementos, é o menor deles – há até uns contos mínimos: os minicontos. A novela é maior que o conto, tem mais personagens, e pode até organizar-se em capítulos. Tem menos densidade e é menor do que o romance, que pode ser enorme, com várias centenas de páginas. Poderíamos fazer uma analogia com histórias da TV: o romance seria a novela, espichada, com muitos grupos, nichos de personagens e de ação, que se tocam em algumas situações. A minissérie seria a novela, e o conto seria uma história construída, condensada, vista em um dia. (Aliás, o conto, em princípio, tem o tamanho de uma narrativa que se pode ouvir de uma vez só.)

O narrador

Nesta novela, temos um tipo de narrador que está vivendo a história, é a personagem principal. Por isso, o narrador fala na primeira pessoa. É sempre através do que nos mostra este narrador que conhecemos as personagens e as situações, e nos posicionamos com relação à história: gostamos de uns, não simpatizamos com outros.

A sugestão de perguntas não abarca as possibilidades de entendimento da narrativa: vocês e a própria turma podem levantar questões outras, importantes, conforme a perspectiva de cada um. E as respostas propostas às questões são também balizadoras, e podem ter nuances e diferenças. Podem ser construídas em grupos, ou em conjunto, com a turma toda. Seria importante discutir as divergências surgidas, sem a ideia de formar uma opinião única.

- Descrevam o narrador.

(Segundo filho do casal, não se sente tão querido quanto foi Ezequiel, o primogênito. É inteligente, estudioso, submisso (pelo menos no início). Sente-se mais à vontade com a avó e com o amigo Mariano – até a separação deles. Tenta entender as relações familiares, as ausências, mas jamais faz perguntas ao pai. De indiferença e até raiva do irmão, acaba fazendo dele sua grande referência, e é com a ajuda dele e da avó que foi livrando-se da vigilância e da ditadura paterna.)



Outras personagens da novela

- a) Vocês acham que o Ezequiel poderia também ser considerado principal, mesmo que normalmente a teoria sempre considere um protagonista?

(Resposta pessoal. De todo modo, deixem que apresentem suas razões. As duas posições terão bons argumentos. De todo modo, ele é o centro do drama familiar e o responsável pelas mudanças ocorridas na visão de mundo do irmão. Mesmo ausente, vivo ou morto, ele é a sombra presente na casa, constantemente. Considerado um belíssimo rapaz, inteligente, encantador, era levado a sério por todos na família, até se ver com AIDS. Os dois elementos da capa são referências a ele. É a última personagem que aparece na história, com um agradecimento do irmão. As conversas dele com o narrador são momentos de belas reflexões e cheios de generosidade, reveladores de um mundo novo para o narrador.)

- b) No aniversário de 11 anos do narrador, Ezequiel chegou ao final da festa e lhe deu dois presentes: o disco do grupo inglês Dire Straits e a promessa de levá-lo ao jogo de futebol. Qual a importância desses presentes?

(Ezequiel introduz o rock na vida do irmão. O CD presenteado tem nome significativo, pela ambiguidade: Brothers in arms sugere as duas traduções apresentadas por eles: irmãos abraçados e “com armas”, quer dizer: armando-se para lutar contra os preconceitos principalmente do pai. A ida ao campo de futebol é também uma forma amena de resistir às ideias e ordens paternas. Essa atitude calma de Ezequiel vai ajudando o irmão a se desvencilhar dos limites familiares.)

- c) Por que, no aniversário de 13 anos, o narrador chora tanto, abraçado ao irmão, quando este lhe deu de presente ouvir a Suíte de Bach, tocada por ele?

(Ezequiel tinha dito ao irmão que, como nunca se sabe a hora em que se vai morrer, ele fez um pacto consigo mesmo de que não morreria antes de tocar a Suíte de Bach. Quando ele a tocou (mesmo sem a arte dos intérpretes dos discos do pai), os irmãos sabiam que o momento definitivo da morte estava próximo.)

- d) Quanto às demais personagens: são muitas, ou poucas? Quais são realmente secundárias, nesta novela?

(São bem poucas personagens: o pai, a mãe e avó – como o narrador, não nomeados; Mariano, o “irmão escolhido” do narrador. Há alguns “figurantes”, como os colegas participantes da festa de aniversário do narrador, a irmã de Mariano, a própria Natália, aparentemente namorada do narrador, no final da história.)

- e) Numa história com conflitos, em geral há um antagonista (o vilão, o que vai contra o protagonista). Vocês acham que o pai do narrador e de Ezequiel é o antagonista, nesta novela?

(Resposta pessoal, em princípio. Rico, conservador, extremamente autoritário e rígido, controla com rédea curta os filhos, com relação a amigos, passeios, gostos e preferências. Apesar da carga negativa do comportamento ditatorial, realmente ele imagina que está “fazendo o bem” para os filhos: ele chega a dizer que errou na educação do filho mais velho, e não quer errar com o mais novo.)



f) Como o filho retrata a mãe?

(Dedicada dona de casa, excelente cozinheira, cultiva rosas e muitas ervas, na parte de trás do casarão onde vivem. Aparentemente distante e dócil, com relação ao marido, raramente aparece uma fala sua. Jamais foi à casa do filho e sequer foi ao seu enterro.)

g) Como a avó se apresenta para o narrador?

(Ela e sua casa, fora da cidade de San Isidro, são o refúgio e a alegria do narrador. Era a única a rir de verdade, na família, e a única que enfrentava o pai – mais um motivo para o narrador a amar. Sábia, conseguia se entender com os dois irmãos, mesmo quando estavam distantes, ou brigados. Acompanhou Ezequiel até seu último momento.)

h) Vocês acham que Sasha pode ser considerado personagem?

(Sim, por muitos motivos. Ele está no título, na capa, foi o companheiro inseparável de Ezequiel. Duas das páginas mais belas da narrativa giram em torno de Sasha: aquela em que Ezequiel explica como o ganhou e aquela em que Ezequiel descreve as muitas formas de olhá-lo, depois de atingido pela AIDS. Como uma metáfora, representa os diferentes, os que ameaçam a sociedade padronizada, que quer desconhecê-los ou fazê-los desaparecer. Também representa o afeto incondicional, independente das peculiaridades de seu dono.)

i) Descrevam Mariano.

(É o típico reflexo do ambiente em que vive. Grande amigo do narrador, não tinha condição de conviver com o “irmão de um aidético”, por medo e por repulsa ao comportamento de Ezequiel. Teve o gesto de não expor o amigo, não contando o real motivo da separação dos dois. Os alunos possivelmente se dividirão, considerando-o covarde, ou agindo de acordo com a opinião dos pais – se soubessem da doença de Ezequiel.)

O espaço da novela

O espaço, o lugar (ou lugares) onde se passa uma narrativa pode ter importância maior ou menor, conforme sua estrutura e os demais elementos de sua trama. Por exemplo: em um romance como *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, com personagens e paisagens típicas do nordeste, sua aridez na terra refletindo-se no modo de ser das pessoas, indicar onde se passa a história é fundamental. Mas, com frequência, o narrador não define esse espaço/ambiente, porque deseja sugerir que os fatos narrados podem acontecer nas mais diferentes latitudes e longitudes.

No caso de *Os olhos do cão siberiano*, é fundamental conhecer onde se passam os fatos: San Isidro é uma cidade da grande Buenos Aires, habitada por gente rica, com uma sociedade cheia de convenções, com amizades e parcerias centenárias nos negócios, e de cujas tradições mais arraigadas o pai do narrador é um digno representante, mas certamente não será o único.

• Vocês diriam que, numa cidade como San Isidro, pode ser mais difícil aceitar e lidar com a doença de Ezequiel? Há passagens que mostram essa dificuldade?

(Em sociedades tão fechadas como a descrita, a família costuma não aceitar e não consegue assumir uma doença como a AIDS. Duas provas disso: Mariano, tentando “preservar” o ex-amigo, não conta aos colegas por que se afastou dele. E o pai de Ezequiel, vendo que o filho está perto da morte, diz aos amigos que ele está com leucemia – doença “aceitável” para eles. O pai, aliás, se pergunta “Por que eu?!”, como se a doença do filho fosse um castigo inconfessável, dado a ele, pai.)

O tempo na novela

Assim como vimos na indicação do espaço da narrativa, as questões do tempo transcorrido, e do tempo em que se narra a história podem ser pouco ou muito importantes numa narrativa, a depender de como vai ser estruturada. Se o autor vai narrar uma história cujas personagens e acontecimentos têm a ver com determinada época (como Luiz Puntel, na novela *Meninos sem pátria*, apresentando famílias exiladas ou foragidas, pela ditadura iniciada em 1964), a definição de tempo será fundamental.

Em outros casos, o autor cria sua narrativa que trata de acontecimentos e situações, atitudes que poderiam ocorrer em qualquer tempo. Nesses casos, o tempo importa muito pouco.

Na nossa novela, o tempo transcorrido, assim como a apresentação dos fatos fora de sua ordem cronológica, tudo isso se torna rigorosamente fundamental.

Temos em *Os olhos do cão siberiano* o chamado *flash back*, que consiste em suspender a história do momento presente do narrador, para voltar no tempo e contar os fatos passados, e depois voltar ao momento anterior. Esse procedimento é comum em grandes obras de nossa literatura, como *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. É também frequente em filmes policiais. No cinema, um caso dilacerador de *flash back* é apresentado em *A escolha de Sofia*. Nem sempre a história faria sentido, se não houvesse essa estratégia narrativa; pode haver um dado escondido, sonogado ao leitor ou ouvinte, que muda completamente a percepção da história.

No caso de nossa novela, a parte “Nossa história”, que compreende a quase totalidade da narrativa, poderia constituir, por si só, uma narrativa, com todos os seus componentes e divisões: introdução, desenvolvimento e desfecho. E certamente seria uma história bastante interessante.

No entanto, a forma como está estruturada a novela dá outra dimensão à história. A escolha do *flash back* não conta apenas a história da família: apresenta uma espécie de “prestação de contas”, uma forma de revelação, quase confissão do narrador, que o deixa em condições de tentar prosseguir na vida. Se o narrador conseguir contar a sua história, partirá mais leve – para a viagem e para a vida. (Não é o que se faz diante do psicólogo, ou do psicanalista?) Observem o sumário do livro, e verão que 3 das 4 divisões do livro têm apenas uma página cada uma. Mas, na sua síntese, dão outra dimensão à história.

Por outro lado, na divisão “Nossa história”, que tem a estruturação mais comum nas narrativas, vocês verão que frequentemente o narrador tem um momento de reflexão, explica algum dado anterior, ou antecipa um elemento da história. A morte de Ezequiel, anunciada já na primeira página da história, vai ser retomada várias vezes, de algum ângulo diferente. Nesses casos, temos o chamado “tempo psicológico”.

Vocês observaram os títulos das quatro divisões do livro? Olhem o seu sumário, para se lembrarem.

- Vocês acham que a primeira divisão – 1998 – Antes de viajar – conseguiu despertar interesse em conhecer a história? Que informações são dadas incompletas?

(Opinião pessoal, quanto a despertar interesse. Mas vejam que há emoção nessa introdução, há uma tragicidade na conversa do narrador com os leitores, que eles não conseguem avaliar. Dados incompletos: por que o irmão saiu de casa? Suicidou-se? Para onde vai o narrador? Para quê? Por que ele precisa contar a história, para viajar mais leve?)



- Apesar de haver uma data que se repete em duas das divisões da narrativa, as palavras delas mudam tudo. Por quê?

(No início, o narrador não tinha certeza de que conseguiria contar a sua história, e se partiria mais leve. Na terceira parte, a palavra é “Pronto para partir”, onde o adjetivo parece indicar que a “confidência” lhe fez bem.)

- Que dados importantes aparecem no texto da terceira parte?

(Ele vai mesmo pegar o avião. Ao que parece, o pai vai levá-lo. (“Vamos perder o voo”.) Natália virou sua namorada (“Natália vai estar no Ezeiza para se despedir de mim”), e o namoro parece sério (“Vai me encontrar daqui a dois meses. Nada me agradaria tanto.”)

- Na volta à sua cidade, sete anos depois, quais são suas reflexões? E por que à beira do rio?

(Ele se sente em paz, mais maduro, entendendo a vida, exatamente como Ezequiel lhe tinha dito: é preciso sempre levantar a cabeça, jamais se esconder. E ter boas razões para viver – como para tocar uma suíte de Bach. A contemplação do rio é também uma retomada da vida: quando soube da doença do irmão, desorientado, foi refletir à beira do rio.)

III- Avaliação da leitura

Como já antecipamos, não cremos que formas convencionais de avaliação podem dizer muito de uma leitura literária, sobretudo depois de os alunos terem participado dos vários momentos de trabalho com o livro.

Vale perguntar, de novo, o que acharam do livro, sobretudo para terem elementos para avaliar as estratégias de leitura, as que funcionaram melhor, o crescimento do envolvimento da turma com a leitura.

Podem, também, pedir oralmente, ou até por escrito, uma avaliação do envolvimento de cada um, com relação à leitura da novela, mas usando conceitos definidos com eles: ótimo, bom, regular, ruim – ou outros adjetivos que considerem mais apropriados para a situação. (A autoavaliação, orientada e feita com responsabilidade, é um ótimo instrumento de avaliação da área apreciativa – a que cria valores, gostos, opiniões, crenças, etc.)

IV- Indo além da história – A pós-leitura

Como sempre dizemos, a leitura de uma boa obra acaba, mas a história, ou os versos nos acompanham por muito tempo: ou nos fazem refletir sobre alguma questão, ou são situações tão poéticas, ou comoventes, que vivemos a obra por muito tempo. E quanto melhor a obra, por mais tempo ela nos acompanha – às vezes, pela vida inteira.

Esta novela ***Os olhos do cão siberiano*** é um especial convite para releituras, pesquisas e a visita a outras artes. As propostas que se seguem são muito diferentes, em nível e propósitos, mas são inspiradas na novela. Mais uma vez, só vocês poderão avaliar as que mais se adequam a seus alunos. Algumas atividades funcionam feitas individualmente. Em outras, trabalhos em grupos, criados em função das afinidades entre eles e com os temas, podem gerar boas discussões e abrir horizontes, quando cada atividade for apresentada a toda a turma. Outras podem até ser por pura fruição, para aumentar o repertório cultural e ampliar horizontes (como já vimos que a arte faz), com algum comentário da turma, se os alunos quiserem.

- 1- Proponham que a turma assista ao filme *Blade Runner* e encontrem possíveis razões para ser esse um presente de Ezequiel para o irmão.
- 2- Proponham que a turma leia a outra obra juvenil de Antonio Santa Ana traduzida no Brasil: *Nunca serei um super-herói*, uma novela divertida, centrada também nas relações familiares, escolares e de amizade, aqui com o predomínio absoluto do humor. (Essa obra deve ser encontrada na biblioteca da escola, pois foi adquirida por programa anterior do MEC, o PNBE.)
- 3- Depois da ida ao jogo do Racing com Ezequiel, o pai chama o filho para a “conversa” já anunciada. É um longo monólogo do pai, traçando regras de conduta para o menino de 11 anos. Releiam essa passagem da história e comentem-na.
- 4- Proponham o convite a um médico, para falar com a turma sobre a AIDS: em que consiste a doença, sintomas, grupos mais afetados, tratamentos e perspectivas de cura, a situação da doença no Brasil.
- 5- Ao longo da novela, há várias passagens em que o narrador fala a respeito de livros e da leitura, com ideias bem interessantes sobre o assunto. Proponham que os alunos apontem os trechos que lhes pareçam significativos e justifiquem suas escolhas.
- 6- Se vocês não tiverem tratado dessas questões anteriormente, e se na cidade houver pelo menos uma livraria, valeria a pena perguntar aos alunos: Vocês têm costume de ir a livrarias? Se não vão, por quê? Se vão, encontram lá alguém que proponha leituras para vocês? As mesmas questões podem ser feitas para o caso da biblioteca (escolar ou pública). Quem, afinal, faz as vezes da Clara da novela, com relação ao narrador?
- 7- Na novela, Ezequiel fala de vários modos como o veem as pessoas da família. Proponham uma pequena pesquisa entre familiares e pessoas próximas sobre como veem a AIDS, o que sabem da doença. Se escolherem conversar com um médico sobre a doença, seria interessante trazer tais visões para esclarecimentos com o profissional da saúde.
- 8- A avó do narrador é muito especial, entre outras coisas, pelo riso constante, por ser “a ponte entre os abismos”, por acompanhar os dois irmãos o tempo todo. Proponham que os alunos escrevam sobre a pessoa de sua família ou de suas relações que tem esse caráter parecido com o dela.
- 9- Proponham à turma que assistam a dois filmes excepcionais, com temática próxima da desta novela. O primeiro, norte-americano, trata de um advogado, doente de AIDS, dispensado do excelente emprego por causa da doença. O outro, argentino, trata de um doente terminal, que procura um amigo confiável para ficar com seu cão. Os filmes:
 - **Filadélfia**, dirigido por Jonathan Demme, com Tom Hanks, Denzel Washington e Antonio Banderas.
 - **Truman**, dirigido por Cesc Gay, com Ricardo Darín e Javier Cámara.
- 10- Com a ajuda do professor de arte, proponham que ouçam algumas composições musicais eruditas. Planejem o melhor momento para isso: se durante a visita à biblioteca, ou a algum outro ambiente da escola, se durante a produção de textos em sala, ou na leitura literária. Trata-se apenas de fluir as composições, “acostumar o ouvido” a essa linguagem. Se se dispuserem a essa “aventura”, sugeriríamos começar com compositores de linguagem “mais simples”, com uma melodia “fácil”, com uma harmonia menos complicada, aquelas que podem ser ouvidas em baixo volume. Poderiam ouvir algumas composições de Mozart, Chopin, Schubert, Schumann, até Debussy. Entre os brasileiros, alguma coisa de Francisco Mignone ou Villa-Lobos. (Se tiverem curiosidade de ouvir a Suíte de Bach, tocada por Ezequiel, aproveitem a chance!!!)

V - Sugestões bibliográficas

Sugerimos, a seguir, alguns livros que podem ajudá-los a rever questões de literatura e gêneros literários trabalhados neste Manual, assim como obras que tratam da forma de explorar a literatura na escola. Como não poderia deixar de ser, tais obras apresentam os temas com graus diferentes de profundidade, e cada um de vocês é que pode avaliar aquelas que dizem respeito às suas necessidades. As obras marcadas com asterisco, por exemplo, tratam extensamente da novela.

CADEMARTORI, Lígia. *O professor e a literatura para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CUNHA, Maria A.C. *Mergulhando na leitura literária: propostas de experiências para o Ensino Fundamental*. v.2. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002.

GANCHO, C.V. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2001.

GERALDI, João Wanderley (org.) *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2004.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

*MOISÉS, Massaud. Preliminares. In: *A criação literária*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

PAULINO, Graça & WALTY, Ivete. *Teoria da Literatura na Escola – Atualização para professores de I e II Graus*. Belo Horizonte: UFMG/FALE/ Departamento de Semiótica e Teoria Literária, 1992.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.

SILVA, Ezequiel T. *Leitura em curso – trilogia pedagógica*. Campinas: Autores Associados, 2003.

*SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. Lírica, narrativa e drama. In: *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1973.

SOUZA, M. Z. e. *Literatura juvenil em questão*. São Paulo: Cortez, 2001.

ZILBERMANN, R. & SILVA, Ezequiel T. *Leitura – perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1995.

Desejamos-lhes um trabalho prazeroso e produtivo!

